

# resenha bibliográfica/book review

**Rui G. Granziera**

Instituto de Economia da Unicamp

Doratioto, Francisco. *Maldita guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*  
São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 615 p.

O livro *Maldita Guerra* de Francisco Doratioto tem como eixo central a narrativa seqüencial das batalhas da Guerra do Paraguai, precedida de uma avisada exposição sobre suas motivações imediatas e mesmo de remotas origens coloniais. Assim descrito pode parecer que nada de novo nos reserva esse livro com 485 páginas de texto corrido. No entanto, ele é surpreendente e inovador, pelo menos dentro da bibliografia sobre o tema.

O que o faz definitivamente ímpar, sem deixar de lado a linguagem leve e fluente, a edição cuidadosa e a pesquisa profunda, é que o Autor, apaixonado confesso pelo tema, deu à narrativa sobre a Guerra do Paraguai o movimento e o tempo da própria guerra. Não se saberá se consciente ou inconscientemente Francisco Doratioto chegou a essa construção literária, mas é ela que faz do livro a primeira obra, dentre tantas conhecidas sobre militarismo e política no período, que vai finalmente proporcionar acesso à realidade daquela guerra ao grande público brasileiro. Sem abdicar do trabalho científico, Doratioto encontrou aí a forma adequada, quase cinematográfica, para construir sua contribuição. Em consequência a leitura flui fácil e o que está por vir é sempre atraente.

É necessário que se diga que a realidade aqui revelada ficou até hoje submersa, seja pelos conhecidos cânticos ufanistas, seja por consentido recalque de algo que não valia a pena ser revisitado. Aproveitando-se da liberação de fontes domésticas que dormitavam nos arquivos, e sobretudo das fontes internacionais, Francisco Doratioto nos apresenta o seu

relato, longo como a própria Guerra, no bojo de uma narrativa nunca ingênua, e que abre regularmente espaços para importantes e essenciais digressões, aproveitando-se do longo tempo intercalar entre os combates e as batalhas, um prenúncio do que seria mais tarde a Primeira Guerra Mundial, esta, no entanto, de menor duração.

Que digressões são essas? São considerações sobre aspectos econômicos, comerciais e diplomáticos que envolveram a Guerra e os vários países. Sobre a opinião pública distante, sobre a intensa presença das mulheres no cenário mais candente das batalhas, sobre a construção dos mitos e dos verdadeiros heróis. Também de recordações sobre as feridas latentes e atuantes que datavam da Guerra da Cisplatina. Sobre a participação dos escravos na Guerra, não só do lado brasileiro, talvez de todas as digressões a mais bem elaborada. Sobre doenças e fome, condições quase que permanentes durante o inferno infinito.

Até algumas digressões, veladas, de cunho psicológico podemos encontrar ao longo do texto. Também encontramos incidentalmente curiosidades — como por exemplo o padre que queria converter protestantes e mulheres "perdidas", em pleno calor das carnificinas... (p. 289), cena essa que nos remete, mais uma vez, ao calor das cruzadas e ao melhor roteiro cinematográfico.

A leitura dessas considerações de apoio nos convence ter sido o tempo em que as armas se calavam melhor aproveitado pelo Autor do que pelos generais e comandantes que faziam a Guerra. Sobre este longo tempo dos comandantes e generais, o que se percebe é que, do lado brasileiro, a Guerra sempre foi travada em condições de desconhecimento do terreno e por uma força armada e organizada às pressas, e no litoral, e que penetrava pela primeira vez num sertão, como sempre desconhecido, só que agora também pantanoso. Daí o tempo intercalar servir muito pouco aos fins militares e muito aos comerciais.

A guerra inicial de campanha cede logo lugar à guerra de posições e trincheiras, onde se revela a incompatibilidade cultural com o planejamento; o imprevisto e o voluntarismo tomam conta de parte a parte, com exceção dos felizes comerciantes que, tal qual um coro grego, assumem a cena até a próxima tempestade. É justamente aí que incidentalmente o Autor nos dá o pano de fundo no qual germinam as contradições internas de cada país beligerante, com exceção do monolítico Paraguai.

Na Argentina, o embate de duas geo-políticas conflitantes, a dos confederados e a dos portenhos; no Brasil, liberais e conservadores querendo imprimir às artes da guerra suas visões de mundo e interesses

particulares; no Uruguai, o verdadeiro espaço motivador das tensões — invadido pelo Brasil em outubro de 1864 —, colorados e blancos disputando alianças externas para consolidar suas posições. No tabuleiro da guerra verdadeira essas contradições acabam por eclodir, mesmo com o selo da Tríplice Aliança entre esses países. Daí, uma das mais fortes razões para a longa duração da guerra.

Doratioto destroi vários mitos e enganos alimentados ao longo do tempo na historiografia, a começar pelo conspiracionismo da Inglaterra, passando pela malignidade satânica dos adversários e terminando pelo quadro onde tantos mitos e fraudes pontificaram, sob o manto do sacrossanto corporativismo luso-brasileiro.

A paisagem caudilhesca, própria do período dos primeiros passos da formação dos Estados Nacionais no Prata, e que inclui o Rio Grande do Sul, sempre foi um celeiro de grupos e facções, cuja dinâmica até agora mais embaralhava do que esclarecia as motivações da Guerra. A intercorrência de um sem-número de nomes de chefes políticos já é um indicador desse quadro complexo. Doratioto descortina essa dinâmica, apresentando, finalmente sem paixões, o porquê da Guerra ter se tornado inevitável, sem deixar de lado a consideração sobre a atuação de certas estruturas psicológicas.

A partir daí estavam liberados os deuses da morte e a fluência de um tempo que apontava para o infinito religioso ibérico, uma busca atávica das raízes das cruzadas. Tem-se a impressão de que a partir daí todos combatiam o mal.

É por isso que, malgrado a Guerra ter tido tantas conseqüências econômicas, o estudioso que a visitar imbuído do racionalismo da Economia estará perdido num tempo que não é seu. O Autor felizmente não se perde, antes rende-se ao tempo próprio daquele momento, e tal qual o grande Caxias, parece contaminado por um tempo que não se acaba. Um tempo no qual as vidas não têm valor. Um tempo em que as estatísticas demográficas soam estranhas. Este é o grande trunfo do livro. Ao Autor não é estranha a questão econômica. Ao contrário mostra-se suficientemente avisado, mas não abandona o crucial: o cenário sangrento das cruzadas.

O que ficou dito acima explica também, após a leitura do livro, a incompatibilidade da diplomacia para lidar com a realidade que eclodiu naquela região. A diplomacia constitui um estágio da razão no qual a adequação dos meios a certos fins e interesses é a justificativa de sua existência. Daí, como mostra Doratioto, a vitória diplomática ser identificada como a vitória dos covardes, a vitória dos punhos de renda, só

o sangue jorrado podendo restaurar verdadeiramente a honra. A defecção de Paranhos, antes da Guerra, fica sendo emblemática a esse respeito. A sua volta ao cenário dar-se-á no fim (do texto e da Guerra) quando, exauridas as forças e saturados os espíritos, a diplomacia encontra de novo o seu espaço. O desenrolar das batalhas, portanto, é o ingrediente mais genuíno historicamente; e é a ele que Doratioto justificadamente mais se dedica.

Iniciam-se as ações pela apreensão, nas imediações de Assunção, do navio "Marquês de Olinda", em represália à invasão do Uruguai. Era um pequeno vapor movido a rodas, e que transportava o novo Presidente da Província de Mato Grosso, a qual seria logo em seguida invadida pelas forças de Solano Lopes. Só aí, tardia e lentamente, se inicia a mobilização imperial de forças terrestres, que marcariam para sempre as histórias das cidades de Campinas e Uberaba, rotas da resistência. Mas, o palco logo se transfere para Corrientes e o Rio Grande do Sul, terra do corajoso e heróico Osório, onde a presença física do Imperador Pedro II dará o estímulo propulsor para a recuperação das terras invadidas. Nesse passo, e em vários outros do livro, Doratioto não se exime de apresentar suas críticas à Guarda Nacional, força armada senhorial insensível ao chamamento da Guerra, e que iria induzir a formação dos grupos de Voluntários da Pátria e o início da mobilização dos escravos, aos quais se oferecia a alforria. Por outro lado, sem ser objeto de detida e clara exposição, Doratioto deixa também sob o estigma da inadequação a Marinha Imperial, força certamente corporativista que contava com o expresse reconhecimento e glorificação do Imperador, comandada por uma personalidade controversa e falhada. Ao Imperador, contudo, Doratioto presta, por várias vezes, homenagens e reconhecimento pela justeza de suas decisões.

Ainda no espaço dedicado às personalidades, o livro exalta, ao que parece justificadamente, a do chefe das Forças Aliadas, o Presidente argentino Bartolomé Mitre, cujo comportamento foi sempre marcado por ponderação e lealdade, malgrado esta nunca ter sido reconhecida no Rio de Janeiro. No entanto, como mostra o Autor, a sua substituição no poder fez recrudescer, em 1869, os tradicionais embates geopolíticos entre Buenos Aires e o Rio de Janeiro, que vinham desde o Tratado de Madrid.

O livro está dividido em cinco grandes capítulos, cujos títulos corroboram a inspiração formal que o anima. O primeiro "*Tempestade no Prata*", no qual se adensam as forças para a Guerra; o segundo "*O Paraguai ataca: O Fracasso da Guerra Relâmpago*" que recobre a invasão do

Mato Grosso até o ataque ao Rio Grande do Sul. "A Guerra de Posições (1866/7)" dá título ao terceiro capítulo em que se materializa a batalha de Curupaiti após a vitória aliada de Tuiuti; o quarto tem por título "1868: O Ano Decisivo" durante o qual importantes batalhas tiveram lugar — Humaitá a princípio, Itororó, Avaí e Lomas Valentinas, que precipitam o deslocamento da Guerra para o interior do Paraguai. E, finalmente, "Caça a Solano Lopes" é o título das últimas ações que vão desde a retirada de Caxias até o grave ferimento de Osório em Avaí e a morte de Solano Lopes.

Como não poderia deixar de ser, a ultrapassagem da fortaleza de Humaitá é a cena mais bem construída no relato linear das batalhas. Situada estrategicamente num dos meandros do Rio Paraguai, essa fortaleza controlava o fluxo naval em direção a Assunção, e era o pilar central do sistema defensivo de um país sem forças navais como era a nação guarani, já que seus poucos barcos tinham sido perdidos na batalha do Riachuelo. Ultrapassá-la significava cortar o seu abastecimento, o que finalmente foi feito, após mais de um ano de ensaios e tentativas. Foi das vitórias aliadas a mais estratégica e a mais lenta. Do lado do Paraguai, a mais importante vitória fora, em fins de 1866, a de Curupaiti, que provocou forte desestímulo nas tropas, e mesmo nos governos da Aliança.

A continuidade da guerra depois de Curupaiti, que levou Caxias de volta às armas e finalmente à vitória de Humaitá, deveu-se à posição pessoal do Imperador. Ela refletia a importância do território no exercício da dinastia, com desconsideração quase que olímpica pelos constrangimentos econômicos e humanos. Vários antecessores do Imperador haviam se comportado da mesma maneira no exercício do poder em Portugal. Eram porém outros tempos e outros valores.

O certo é que a tenaz perseguição de Solano Lopes até o extremo final parece mesmo ter sido uma direttriz emanada diretamente do Imperador, e que, segundo Doratioto, não teria ocorrido se dependesse dos chefes militares brasileiros em ação no campo de batalha. Afinal todos eram patriotas, mas não se sentiam pessoalmente afrontados, como era o caso do Imperador. E menos ainda o não poupado (pelo Autor e pelo Imperador) Conde d'Eu, da família real, e que substituiu Caxias no comando das tropas em abril de 1869.

Sob o comando desse príncipe várias atrocidades foram cometidas, já que ao final a resistência era inexistente. Mas, atrocidades sempre ocorreram de lado a lado, ao longo dos vários e cansativos anos de batalha, em meio a pântanos, fome, doenças e corpos desnudos.

Como ficou dito acima, este livro abrirá vastos e inéditos campos de pesquisa. Dentre os mesmos destaco dois — um no domínio da psicologia e outro de cunho genealógico, ambos sugeridos pelo texto.

O primeiro sobre a filiação de Solano Lopes, o segundo sobre a filiação de Francia. Há indicações sobre o suposto fato de Solano Lopes não ter tido a mesma paternidade de seus irmãos. É plausível a hipótese de que ele soubesse disso, o que seria um indício importante para a construção de sua estrutura psicológica e para a explicação do porquê ele executava parentes e outros próximos, inclusive irmãos. Os estudos sobre personalidade autoritária, que tiveram origem na sociologia norte-americana, poderiam servir como referência nesse caso.

O outro fato, que muito chamou a minha atenção, foi o da alusão à origem paulista do primeiro governante do Paraguai, José Gaspar Rodrigues de Francia, o qual em verdade poderia ter sido França. Este indício vai de encontro aos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda sobre o Oeste, onde teria sido estabelecida uma continuidade cultural e de interesses entre o Paraguai e São Paulo, construída durante a unificação das coroas ibéricas, a qual durou sessenta anos. Essa comunhão teria forjado um sentimento anti-lusitano nas terras paulistas (e também paraguaias), que viria aflorar na Guerra dos Emboabas, curiosamente com práticas de violência semelhantes às da Guerra do Paraguai. Dependendo da ótica, essa Guerra poderia também ser vista como a luta dos indígenas e mamelucos contra o poder dos Bragança...

Esses futuros veios de pesquisa, que aqui apenas aparecem como exemplos, e em campos inusitados, nada mais são do que um testemunho da importância e das virtudes da formação multi-disciplinar do Autor, que efetivamente pratica a ciência humana. Exercer domínio sobre várias áreas não significa erudição estéril, mas uma capacidade de relativizar as verdades descobertas. Essa operação Doratioto faz melhor do que ninguém, sem se eximir, quando possível, de avançar suas posições e crenças.

O relato deixa uma forte impressão, especialmente pela força da forma, já citada, encontrada com felicidade pelo Autor. Essa impressão nos recorda Canudos, cuja reportagem foi também tributária da forma encontrada por Euclides da Cunha. Claro que são obras muito diferentes. Mas, substantivamente, as duas guerras têm algo em comum: deixam a forte impressão de que o povo brasileiro está fadado a operar, efetiva ou potencialmente, com recursos materiais sempre mais sofisticados do que seu próprio ser. Foi assim no Império, foi assim no

sertão de Antônio Conselheiro, e seria assim durante todo o século XX.

Após o relato, Doratioto encerra seu texto com um balanço da guerra e com algumas conclusões. Lê-se então nas últimas páginas do livro: "O Brasil enviou para a Guerra cerca de 139 mil homens, dos quais uns 50 mil morreram. Destes a maior parte não pereceu em combate, mas, sim, devido a doenças e aos rigores do clima... a Guerra do Paraguai expôs sua fragilidade militar, em grande parte estrutural, devido ao regime escravocrata". Dezoito anos ainda se passariam para que, legalmente, esse regime fosse banido, e ainda sob fortes resistências dos proprietários brasileiros, que praticamente não se envolveram na Guerra.